história e-história

PUBLICAÇÃO ORGANIZADA COM APOIO DO GRUPO DE PESQUISA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DA UNICAMP

BUSCA

ISSN 1807-1783 atualizado em 15 de fevereiro de 2013



Editorial
Expediente
De Historiadores
Dos Alunos
Arqueologia
Perspectivas
Professores
Entrevistas
Reportagens
Artigos
Resenhas
Envio de Artigos
Eventos
Curtas
Instituições Associadas
Nossos Links

# A Casa da Bolandeira de Caracol - PI

por Leonardo Tomé de Souza, Rodrigo Bernardo da Silva, Silvyo Bruno Guerra Correia e Celito Kestering

Sobre o primeiro autor [1]

Sobre o segundo autor [2]

Sobre o terceiro autor [3]

Sobre o quarto autor [4]

## 1 INTRODUÇÃO

A partir de levantamentos históricos, bibliográficos e imagéticos, realizados pelo grupo PET/Arqueologia/UNIVASF sobre a região Sudeste do Piauí, onde se encontram as cidades de São Raimundo Nonato e Caracol, chegou-se à obra de William Palha Dias[5], intitulada: *Caracol na História do Piauí,* escrito em 1959. O livro é uma versão da história referente à formação e constituição da cidade de Caracol - PI, desde as primeiras investidas contra os indígenas em 1808 até 1948. Apesar de não ter sido escrito por um bacharel, o livro é muito rico em informações a respeito da região em foco. É uma das poucas obras referentes à história oficial da região. Sua leitura requer certo grau de atenção, visto estar carregado de conceitos e abordagens racistas, preconceituosas e elitistas. Para o autor, a história da região está intrinsecamente ligada à história de sua família. De todos os fatos, personagens e acontecimentos do município, narra somente os que estão diretamente ligados à história da família Dias[6].

Essa versão da história representa, de certo modo, o discurso historiográfico da elite local. Ela sobrepõe-se às histórias dos demais grupos existentes, relegando-as a um relativo "esquecimento". Ela serve como instrumento ou ferramenta de aniquilamento étnico, cultural, ideológico e social dos grupos subordinados locais (FUNARI, 2002). Para sustar os efeitos da nefasta virulência etnicida da historiografia oficial, o grupo PET-Arqueologia fomenta a construção de novas narrativas, menos exclusivistas e mais democráticas nas quais os grupos subordinados reconheçam-se no processo construtivo e constitutivo de suas histórias para serem, assim, devidamente respeitados (FUNARI, 2002).

Com o presente trabalho de pesquisa quer-se desconstruir as narrativas exclusivistas, preconceituosas e racistas que continuam sendo as referências históricas locais para professores e alunos nas escolas e universidades da região. Pretende-se disponibilizar fatos e personagens locais que também fazem parte do contexto histórico, mas que não foram escritos e/ou publicados.

**2 OBJETIVOS**

Com o objetivo de compreender o contexto ambiental e social do sítio arqueológico Casa da Bolandeira e compará-lo com sítios similares na área da cotonicultura (cultura do algodão), buscam-se fundamentações teóricas e metodológicas. Zarankin (2004, p. 133) considera que:

> *(...) una arqueología histórica latinoamericana debe funcionar como una herramienta para cuestionar nuestra realidad desigual y como mecanismo de cambio social. Para ello es fundamental un compromiso político del arqueólogo, asumiendo su responsabilidad en la construcción de un pasado plural. Se vuelve necesario así trabajar en escalas locales, intentando comprender las micro dinámicas que caracterizan e identifican a la sociedad o al grupo cultural estudiado (...)*

**3 METODOLOGIA**

Iniciou-se a pesquisa com um levantamento bibliográfico, histórico, oral e imagético sobre a engrenagem da bolandeira. Fez-se, em seguida, o reconhecimento da área onde a população local diz ter sido edificada a "Casa da Bolandeira" (construção histórica), no município de Caracol PI.

Prosseguiu-se com levantamento do grau de integridade da edificação e da potencialidade para se realizar uma escavação arqueológica no local. Levantaram-se nesse momento, algumas hipóteses sobre os fatores que influenciaram na destruição do sítio (antrópicos e/ou naturais).

Em seguida realizou-se a atividade de prospecção na superfície do sítio e no seu entorno. Nesse momento fez-se o registro fotográfico do que se considerou relevante. Iniciou-se, então, o levantamento de informações orais de moradores próximos à localidade em questão. Todas as informações foram registradas em caderno de campo.

## 4 RESULTADOS

Ressalta-se que esta pesquisa ainda não foi concluída. Somente com a realização de outras etapas é que se poderá, efetivamente, apresentar resultados. Muitas pessoas ainda precisam ser entrevistadas. Espera-se, também, que se encontrem outros documentos e/ou informações orais sobre o sítio. Tem-se que realizar, também, uma escavação arqueológica no local. Contam-se, porém, com algumas informações preliminares que se apresentam:

### 4.1 Da Casa de Amansamento de Índios à Casa da Bolandeira

Dias (2003, p. 36) desperta particular curiosidade a quem se dedica à pesquisa arqueológica histórica na região Sudeste do Piauí, quando afirma:

> *Consolidadas que foram as terras conquistadas, o comandante (José Dias Soares) deu início à construção de novas habitações, servindo para sua moradia e de seus filhos, para amansamento de índios, para quartel de tropa e, ainda, para residência de vaqueiros. A de amansamento de índios resistiu ao tempo até 1916, sem sequer sofrer o menor reparo, depois, destruída por mãos impiedosas.*

Diante desta citação, e com grande interesse em saber mais sobre o conturbado contexto do "povoamento" local, intensificou-se a pesquisa sobre a **Casa de Amansamento**. Não se conseguiu confirmação alguma sobre a sua existência. Em conversas com moradores locais, todas as informações colhidas direcionavam-se à **Casa da Bolandeira**.

Quando se pensava em desistir da procura, teve-se uma conversa informal com Ronisvon de Sousa Rocha, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e morador do Assentamento Saco, no município de Caracol. Fez-se lhe a pergunta se ouvira histórias ou relatos a respeito da Casa de Amansamento de Índios. Como nas outras conversas, obteve-se uma negativa como resposta. Reformulou-se a pergunta. Indagou-se lhe se havia, no atual município de Caracol - PI, alguma construção, galpão ou algo parecido, muito antigo. De pronto, obteve-se a resposta: Sim, a **Casa da Bolandeira**.

As informações que Ronisvon de Sousa Rocha tinha a respeito desse local eram quase folclóricas ou legendárias. Algumas notícias fragmentadas haviam chegado aos ouvidos dos mais antigos moradores de Caracol. Contavam-se histórias de assombrações, de emboscadas e de tiroteios junto à derivação da estrada vicinal. Dizia-se que havia pessoas enterradas junto aos escombros. Relatavam-se episódios de exploração escrava do trabalho. Afirmava-se que havia grande quantidade de maquinários e marcas de tiros e de sangue nas paredes. Começou-se, assim, a desvendar o contexto da **Casa da Bolandeira**.

### 4.2 A Casa da Bolandeira de Caracol

A Casa da Bolandeira não existe mais como edificação. No local onde ela fora edificada encontra-se apenas parte dos alicerces, estruturas de base (maior parte coberta por sedimentos), restos de tijolos provenientes das antigas paredes e/ou do piso, fragmentos de telhas e alguns artefatos de metal, vidro, de cerâmica e de louça, na superfície (Fig. 1). Como a estrutura estava pouco visível, foi necessária a limpeza em alguns trechos, para que se pudesse efetuar uma medição expedita da estrutura principal da antiga área construída (21m de comprimento por 13 m de largura). Em parte da estrutura há uma mudança no nível do piso o que pode indicar a existência de um cômodo.



Figura 1 - O que restou da Casa da Bolandeira (Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Bernardo da Silva)

A Casa da Bolandeira situa-se ao lado de uma estrada vicinal que liga a cidade de Caracol ao povoado de Lagoinha, nas coordenadas: UTM23L 684822, UTMN 8974194. Ela dista, aproximadamente, 2 km do centro de Caracol. Localiza-se no lado direito de estrada que liga a cidade de São Raimundo Nonato à Caracol (Fig. 2). A área está cercada com arame farpado. Tem-se acesso a ela por um portão de metal bem antigo que, normalmente se encontra aberto.




Figura 2 - Casa da Bolandeira, junto a uma estrada vicinal, no lado direito da rodovia que liga as cidades de São Raimundo Nonato e Caracol (Fonte: Google Earth, 2012, modificada pelos autores

Ainda não se conseguiu encontrar o atual proprietário do terreno. Diz-se que, nos últimos 60 anos, passou pelas mãos de pelo menos três donos. Ele serve, hoje, para a criação de animais. Nele há restos de um antigo cocho, a cerca de 20 m das ruínas de uma antiga residência de pequenas proporções, ainda com partes das paredes erguidas. Essa residência aparenta ser mais recente do que a estrutura da **Casa da Bolandeira**.

Os fragmentos de tijolos e de telhas estão espalhados por uma grande área, num raio de aproximadamente 80 m. A maioria dos fragmentos é de tijolos. As telhas podem ter sido reaproveitadas. Como estávamos no auge da estação seca, com pouca ou quase nenhuma vegetação, conseguiu-se ter uma boa visualização da área do entorno. Percebeu se que o local era estratégico. Ele está situado no cume de uma

pequena elevação, a 514 m de altitude. Dele tem-se ampla visão do entorno. A parte mais baixa parece formar uma pequena lagoa na estação chuvosa. Nela há pequenas cacimbas de riacho.

Não há residência alguma num raio de aproximadamente 1 km. Quando se chegou ao local, de imediato apareceu um senhor que não quis se identificar. Disse apenas que viera buscar um animal. Perguntou-se-lhe, então, se era o dono do terreno. De pronto ele respondeu que não. Disse que estava ali apenas observando os animais que pastavam. Perguntou-se-lhe se sabia alguma história a respeito da Casa da Bolandeira. Meio encabulado, foi lacônico na resposta negativa. Sem delongas, montou no animal, deu as costas e saiu.

Com apenas uma prospecção rápida, até o momento, são limitadas as informações. Necessitam-se novas campanhas de prospecção, sondagens e escavações arqueológicas.

### 4.3 O Que é uma Bolandeira?

Define-se bolandeira como uma grande roda dentada que trabalha horizontalmente nos engenhos de moagem de cana ou de descaroçamento de algodão (BARSA PLANETA, 2010). Para contextualizar a Bolandeira de Caracol e desvendar a história da sua evolução técnica, consultaram-se três trabalhos: Câmara (1799), Marquese (2006) e Assunção (2010).

Câmara (1799), graduado em Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra, em Portugal e doutor em Medicina pela Universidade de *Montpelier*, na França, escreveu um dos mais completos tratados sobre a cultura do algodão. Nele dissertou sobre temas como:

> *a antiguidade do uso do algodão; a vantagem financeira que tem resultado a Portugal, e a Paranãbuc (sic); a descrição do algodoeiro em si; a terra mais própria, ou mais conveniente para a cultura dos algodoeiros; o clima mais conveniente; as variedades disponíveis de algodão, e as mais adequadas; a melhor maneira de plantar; as operações que se devem fazer nas plantas para produzirem com qualidade e quantidade; moléstias e pragas à que estão sujeitos; a monda (arrancar as ervas daninhas, cortar galhos supérfluos, podar, capinar); a colheita do algodão; e finalmente do descaroçamento, e ensacamento do produto do labor escravo.*

O autor descreveu o processo de beneficiamento (descaroçamento e ensacamento) do algodão nas Américas. Mostrou como era atrasado tal processo no Maranhão e em Caiena, na Guiana francesa, onde cada máquina, com a utilização de um escravo, descaroçava duas arrobas de algodão cru (com caroço), gerando apenas meia arrouba de lã por dia.

Em outro trecho de seu tratado, descreveu o maquinário que se utilizava em Pernambuco. Afirmou que havia lá seis diferentes máquinas de descaroçamento de algodão dos quais descreveu os dois modelos mais produtivos: a Roda de mão (Fig. 3) e a Bolandeira. (Fig. 4). Fechou o capítulo com a descrição da máquina de prensar e de ensacar. (Fig. 5). A roda de mão exigia a utilização de dois escravos, um para movimentar a máquina e outro para descaroçar o algodão. Com ela a produção mais que dobrava. Conseguia-se descaroçar seis arrobas de algodão cru, gerando uma arroba e meia de lã por dia.

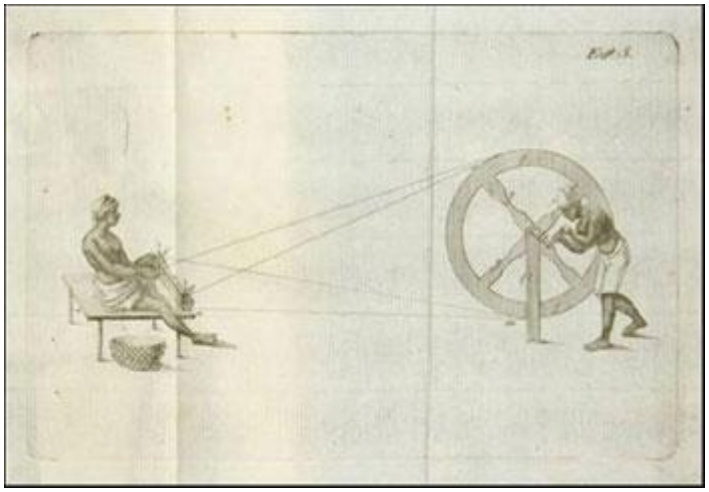


Figura 3 - Roda de mão que se utilizava em Pernambuco (Fonte: Câmara, 1799)

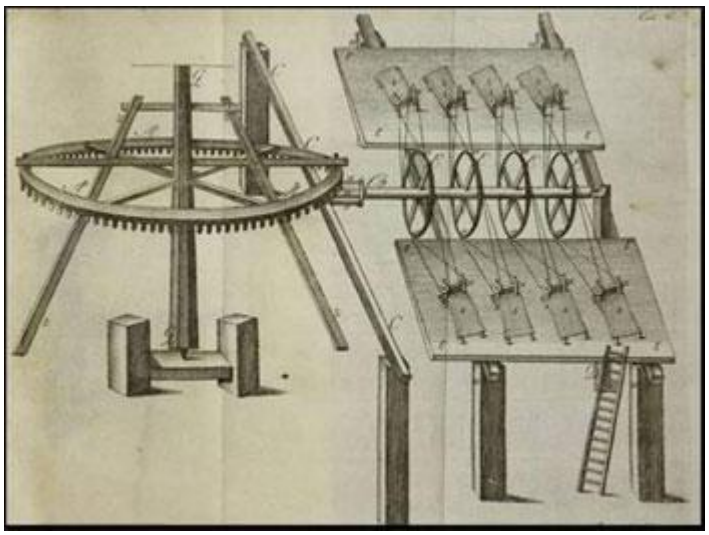


Figura 4 - Bolandeira utilizada em Pernambuco (Fonte: Câmara, 1799)

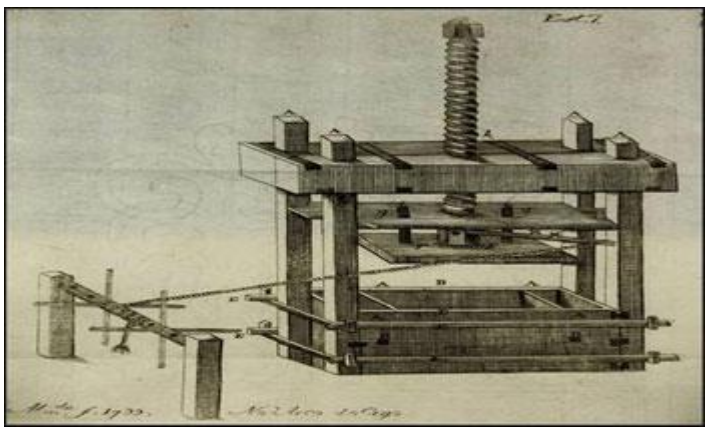


Figura 5 - Máquina de prensar e de ensacar que se utilizava em Pernambuco (Fonte: Câmara, 1799)

Com a bolandeira, conhecida como invento de *Whitney* ou como engenho de bestas, multiplicou-se a capacidade produtiva do processo de descaroçamento do algodão. Com o movimento a tração animal, centralizado em um eixo

vertical fixo à roda dentada (bolandeira), podia-se movimentar oito ou mais descaroçadores. Assim conseguiu-se elevar a produtividade para 128 arrobas, o equivalente a 1.920 kg de algodão cru, o que gerava 31 arrobas, ou 461 kg de lã beneficiada por dia.

Câmara (1799) demonstrou profundo conhecimento empírico e teórico a respeito do maquinário que inventou. Descreveu e explicou, com figuras ilustrativas, a mecânica e o funcionamento de cada peça da bolandeira. A título de exemplo, descreveu com detalhes como se podem acoplar extensões à bolandeira de modo que três eixos horizontais possam se movimentar individual ou simultaneamente, com o aumento do número de animais. Essa inovação técnica permitia que, concomitantemente, num mesmo engenho, se poderia descaroçar algodão, moer cana, raspar mandioca, despolpar arroz, prensar e ensacar a lã de modo muito mais produtivo que o modelo anterior.

Câmara (1799) descreve um dos processos antigos de ensacamento. Com ele um ensacador, com muita fadiga e desconforto, ensacava, no máximo, quatro arrobas e meia de algodão por dia. Havia, por isso, grande dificuldade para se encontrar quem fizesse esse trabalho. Costumava-se remunerar os escravos que se submetiam a esse ofício. Além disso, acontecia de rasgarem-se os sacos, o que demandava um costurador permanente durante o processo.

> *Ha outro modo de ensaccar, a que chamão ensaccar no ar, que he da maneira seguinte; forma-se hum sacco ordinário, alinhava-se, em a bocca, hum arco de huma Verga de hum pao flexível, de sorte que fique bem seguro com a orella do pano, suspende-se por quatro cordas fortes ao ar, attando-se as cordas nos caibros da casa; o ensaccador mette-se dentro do sacco, e com huma longa palheta na mão, vai socando por todas das as partes, até acabar de ensaccar de todo;*
>
> *commumente em hum dia se ensacca huma sacca, principia-se outra; este methodo não tem outra vantajem sobre o antecedente, se não de servir-se o ensaccador, alem das suas forças, do próprio pezo do seu corpo; porém he igualmente fatigante, e nem está fora do perigo de fazer enfermo o ensaccador pela continuação, por causa do calor do mesmo algodão, que recebe dentro do sacco, em que anda quasi sempre atollado até o meio da perna: muitas pessoas costumão molhar as saccas à proporção que se ensacca; não vejo em que beneficie semelhante methodo (CÂMARA, 1799).*

O próprio inventor mostra as vantagens de sua máquina de ensacamento:

> *Quaes são as utilidades desta maquina? Alem de infinitas utilidades, eu descubro as que se seguem; primeiramente ella pode ensaccar 20 saccas de algodão em hum dia, ao mesmo tempo, que pelo modo ordinário não se ensacca mais, do que numa sacca: e quando algum ensaccador chega a ensaccar mais que huma, conta-se por grande façanha; pelo que se diminue maravilhosamente a mão dobra na razão de 1 para 20 que não he pequeno proveito, pois pelo trabalho de ensaccar huma sacca de algodào se paga 240 reis, vindo o senhor.de huma semelhante maquina a poupar em hum dia 240 reis, multiplicados por 20 igual a 4800, eu nunca estorvo os dias de trabalho de meus escravos com esta operação: quando tenho sufficiente quantidade de algodão descaroçado,chamo dous dos mais destros na manobra, e*

*dentro de pouco mais de duas horas me ensaccão quatro saccos, isto faço, ou de manham antes de os mandar para o serviço, ou de tarde ao recolher: pelo que o ensaccamento de algodão, sendo para os mais fazendeiros hum dos maiores incommodos, eu o não tenho por trabalho. Outra utilidade não pequena he, que qualquer pano serve para saccos, ainda que seja fraco; porque comprimindo o algodào igualmente por todas as partes, resiste melhor ao resto da elasticidade, que lhe deixou a compressão do parafuzo; não accontece assim no antigo modo de ensaccar; porque, por mais forte que seja o pano, para cujo effeito o encommendào de propósito, sempre rompe, ja pelo attrito da palheta em qualquer descuido, ja porque ficando o algodào dentro da sacca ao modo debuxas, deixando intervallos vazios , portão-se com desigualdade, e rompe-se o sacco por todo o seu comprimento, já quasi no fim da operação. A terceira utilidade he, que pelo meu methodo recebem os saccos a forma quadrangular, ficando de altura com menos de hum palmo, o que he muito commodo, tanto para serem transportados em cavalos, como para o arranjamento nas embarcações (...) (CAMARA, 1799).*

Marquese (2006) fez análises comparativas de plantas arquitetônicas de unidades rurais escravistas do Vale do Paraíba cafeeiro do Brasil, do cinturão algodoeiro de Matanzas-Cienfuegos-Trinidad de Cuba e do cinturão algodoeiro do Alabama e do baixo vale do Mississipi nos Estados Unidos, construídas na primeira metade do século XIX. No tópico da cultura algodoeira, apresentou um pequeno histórico da produção do algodão nas Américas, mais especificamente nas regiões da Carolina do Sul e Geórgia, na América do Norte, e nas Antilhas Francesas da América Central (Fig. 6). Com relação ao Brasil, o autor citou apenas que, na década de 1780, Pernambuco e Maranhão foram as " maiores regiões produtoras de algodão do Novo Mundo." Sua citação permite deduzir que no Brasil de então se utilizava o mesmo processo de produção e beneficiamento do algodão, com a utilização de mão de obra escrava. Repetiam-se, no quotidiano das plantações de algodão, a violência sobre os escravos e as suas estratégias de resistência e de sobrevivência.



Figura 6 - Representação da produção algodoeira nas Antilhas Francesas (Fonte: Marquese, 2006)

A partir de 1793 a invenção da bolandeira favoreceu muito a produção e os lucros da elite escravocrata. O invento fez parte de um conjunto de esforços sistemáticos para ultrapassar os obstáculos que impediam a conversão do algodão herbáceo de fibra curta em gênero agrícola mercantil. Depois do invento deste descaroçador, a única inovação considerável no processo de beneficiamento foi a das

prensas mecânicas para o acondicionamento da fibra nos fardos destinados à exportação (MARQUESE, 2006).

Após o invento de Whitney, descrito por Câmara (1799), uma nova configuração arquitetônica dos locais utilizados para o processo de beneficiamento do algodão se faz presente no cenário das Américas ( Fig. 7). O maquinário modificou o ritmo de produção e de comercialização.

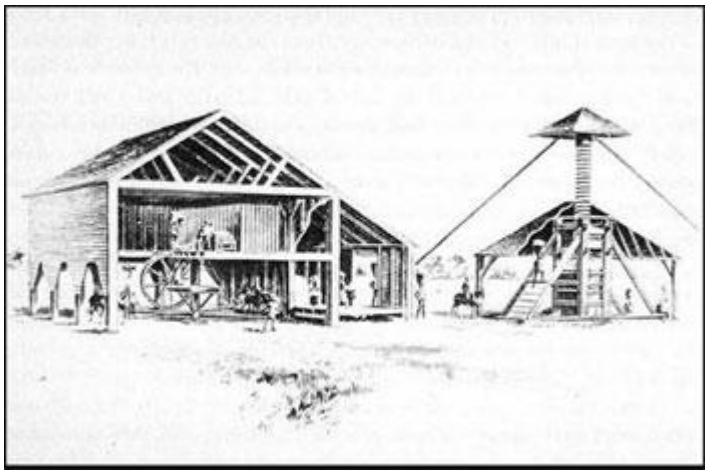


Figura 7 - Nova configuração arquitetônica para beneficiamento do algodão (Fonte: Marquese, 2006)

O invento de Whitney promoveu uma verdadeira revolução na cotonicultura (cultura do algodão) e na arquitetura rural, produtora do gênero na América do Norte.

> *Os edifícios reservados para tanto eram três: 1) o cotton gin, onde ocorria o descaroçamento, em geral um edifício de madeira com dois pavimentos, sendo o superior destinado à alimentação do maquinário com a matéria-prima e o inferior reservado à tração (animal ou a vapor) e à saída da fibra já descaroçada; 2) a prensa, movida por tração animal, com um eixo de madeira capaz de comprimir as fibras em fardos de 180 a 270 quilos; 3) o armazém destinado aos fardos (AIKEN, 1973; VLACH, 1993 apud MARQUESE, 2006).*

Da Casa da Bolandeira de Caracol não se encontrou um fragmento sequer de qualquer das peças descritas por Câmara (1799) e por Marquese (2006). Encontrou-se uma peça do seu maquinário no jardim de uma residência, na cidade de São Raimundo Nonato - PI. (Fig. 8).



Figura 8 - Peça do maquinário da Casa da Bolandeira de Caracol (Fonte: Acervo pessoal de Leonardo Tomé de Souza)

## 4.4 Uma Bolandeira de Metal?

Pesquisando sobre quem teria sido o dono da Casa da Bolandeira de Caracol - PI, chegou-se ao nome do Valdir Ribeiro Dias, médico renomado em São Raimundo Nonato e no Piauí, falecido no dia 29 de julho de 2012, aos 79 anos, em Teresina - PI. Por felicidade, teve-se a oportunidade de conversar, por telefone, com a viúva Ada Dias de Castro, advogada e ex- Juíza, que ainda reside na cidade onde seu marido faleceu. Apesar de enlutada pelo acontecido, ela foi de extrema simpatia, paciência e boa vontade para prestar informações sobre a Bolandeira de Caracol - PI.

Perguntada sobre o histórico, o tipo de trabalho que se realizava no local e para que teria servido o maquinário que ornamenta seu jardim, a senhora Ada foi direta e objetiva. Disse que nada sabia a seu respeito. Sabia apenas que, nos meados da década de 1960, seu marido havia comprado, em leilão, a Casa da Bolandeira de Caracol - PI cujo primeiro dono teria sido o Coronel Ângelo Gomes Lima. Esse coronel era conhecido popularmente como Anjo da Jia, inimigo da família Dias, nas batalhas ocorridas na primeira metade do século XX (DIAS, 2003). Falou ainda que seu marido dizia que, na década de 1960, ainda havia marcas de bala e respingos de sangue nas paredes da Casa da Bolandeira em ruínas, corroborando a história relatada por Ronisvon Rocha. Antes de concluir a entrevista, a senhora Ada forneceu uma relação de nomes de pessoas residentes na cidade de Caracol - PI que poderiam contribuir na pesquisa.

Ficou-se, de certa forma, surpreso por se ter encontrado restos de uma máquina a vapor (bolandeira de metal?), quando se esperava encontrar fragmentos de madeira de alguma prensa ou roda manual correspondentes ao contexto da cotonicultura dos séculos XIII e XIX. Fortaleceu-se, porém, a hipótese de que o espaço físico da Casa da Bolandeira teria servido, originalmente, como **Casa de Amansamento de Índios**. É provável que, nas primeiras décadas do Século XX, tenha-se reaproveitado o espaço para a implantação do maquinário de uma indústria de óleo de mamona e de algodão, amplamente cultivados em quase todo o Nordeste semiárido (Fig. 9 e 10).

Na década de 1960, implantaram-se, na região Sudeste do Piauí, filiais das Indústrias Coelho que beneficiavam o algodão, além de extrair o óleo das sementes de mamona e de algodão. Houve um momento da história regional em que o semiárido piauiense era responsável pela produção de 54% da produção de algodão do Piauí. Este, por sua vez, era o segundo maior produtor de algodão do país.

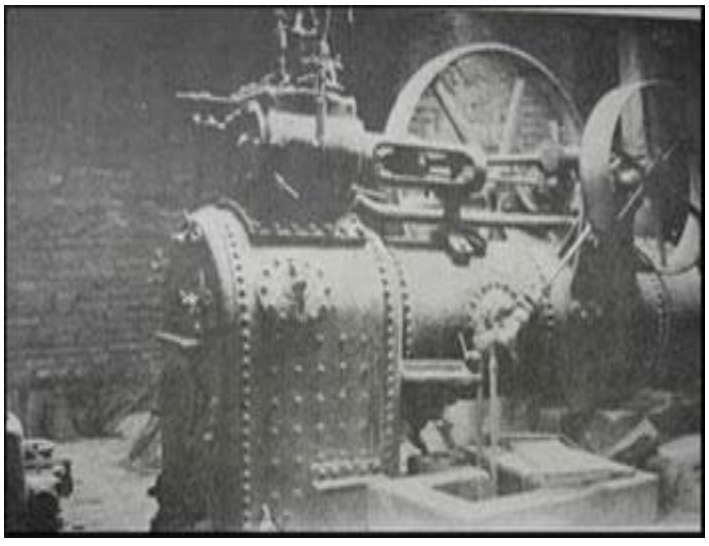


Figura 9 - Motor estacionário a vapor utilizada nas indústrias nos séculos XIX e XX (Fonte: Imagens de máquinas a vapor)



Figura 10 - Motor estacionário a vapor, exposto no Museu do Sertão, em Mossoró - RN (Fonte: desimbloglio, blogspot.com)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas histórias da Casa da Bolandeira ainda estão por serem escritas ou reescritas. Ressalta-se que os restos da máquina a vapor que se encontram no jardim da casa de Valdir Ribeiro Dias, de saudosa memória não sugerem qualquer relação deles com o nome do local. O espaço que a Casa da Bolandeira ocupa na memória da população demonstra sua importância mnemônica (marcadora de memória). Dele as pessoas de diversas etnias que compõem a população o Município de Caracol não querem esquecer. Nele evidenciaram-se conflitos nas relações de produção e de poder. Apesar das inovações tecnológicas e produtivas que deram ressignificação ao espaço físico, os relatos sobre negociatas escusas, enterramentos, batalhas, emboscadas e assombrações existem, resistem e insistem nas ruínas materiais desse local (Fig. 11 a 14). "Dominação e resistência, apesar de manifestadas de maneiras distintas em contextos históricos e geográficos diferentes, caracterizam todas as sociedades onde se produz e se apropria o trabalho excedente". (FUNARI, 2007).



Figura 11 - Vista parcial do local da Casa da Bolandeira de Caracol (Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Bernardo da Silva)



Figura 12 - Vista parcial do local da Casa da Bolandeira de Caracol (Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Bernardo da Silva)




Figura 13 - Lâmina de uma faca antiga (Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Bernardo da Silva)




Figura 14 - Parte da engrenagem da máquina a vapor (Fonte: Acervo pessoal de Rodrigo Bernardo da Silva)

## 6 REFERÊNCIAS


ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. ***A memória do tempo de cativeiro no Maranhão. In:*** Tempo vol. 15, n.29. Niterói July/Dec. 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042010000200004>. Acesso em 04/10/2012.

CAMARA, Manuel Arruda. ***Memória sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o methodo de o escolher e ensacar, etc.*** 1799. Disponível em <www.brasiliana.**usp**.br/bbd/handle>. Acesso em 20/06/2012.

DIAS, William Palha. ***Caracol na história do Piau***. 4 ed. Teresina, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. ***Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia Brasileira***. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre. Ano 8, n. 18, p. 131-153, dezembro de 2002. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ha/v8n18/19059.pdf>. Acesso em 12/04/2011.

_____ ***Teoria e a arqueologia histórica: a América Latina e o mundo***, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, vol. 1, Jul - Dez. 2007. VESTIGIOS - Revista miolo.pmd 12/06/2007. Disponível em <www.ceipac.gh.ub.es/biblio/Data/A/0598.pdf>. Acesso em 08/10/2012.

***Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica.*** Dossiê Arqueologias Brasileiras, v. 6, n. 13, dez. 2004 / jan. 2005. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>. Acesso em 21/10/2012

FUNARI, Pedro Paulo; ZARANKIN, Andrés. ***Arqueologia histórica en América del Sur; los desafios del sec. XXI***. 1 ed. Bogotá, D.C. Colombia: Uniandes, 2004, p. 133.

IMAGENS MÁQUINAS À VAPOR. ***Museu do Sertão em Mossoró***. Disponível em <www.desimbloglio.blogspot.com/.../**museu-do-sertao**-conta-historia-do-ho>. Acesso em 10/10/2012.

MARQUESE, Rafael de Bivar. ***Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX***. Anais do Museu Paulista. São Paulo. v. 14, n. 1, p. 11-57. jan.- jun de 2006.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. ***O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência***. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

ZARANKIN, Andrés. ***El sur por el Sur: una revision sobre la historia y el desarrolo de la Arqueologia Histórica en América Meridional***. VESTÍGIOS - Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica. v 1, n 1, Jan.-Jun. 2007.


---


[1] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET/Arqueologia. Campus Serra da Capivara, Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI, CEP: 64.770-000. E-mail: tomedesouza11@hotmail.com Fone: (89) 9429 - 8036.

[2] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET/Arqueologia. Campus Serra da Capivara, Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI, CEP: 64.770-000. E-mail: drack_wicca@hotmail.com Fone: (89) 9901 -

0699

[3] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Bolsista do Grupo PET/Arqueologia. Campus Serra da Capivara, Rua João Ferreira dos Santos, S/N, Bairro Campestre, São Raimundo Nonato - PI, CEP: 64.770-000. E-mail: bruno.guerra85@gmail.com Fone: (87) 8852 - 1727

[4] Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL, 1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF,1980); mestre em Pré-história (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professor adjunto 3 no Colegiado do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Tutor do Grupo PET/Arqueologia. Campus Serra da Capivara, Rua João Ferreira dos Santos, S/N; Bairro Campestre; São Raimundo Nonato - PI; CEP: 64.770-000. E-mail: celito.kestering@gmail.com Fone: (74) 3613 6897; (74) 988737470.

[5] Membro da Academia Piauiense de Letras. Foi advogado, juiz e jornalista. Faleceu no dia 14 de fevereiro de 2012, aos 93 anos, em Teresina - PI, quando se iniciava esta pesquisa.

[6] Família tradicionalmente reconhecida como pioneira da ocupação colonial na região. Entre 1808 e 1816, o Capitão José Dias Soares liderou diversos combates contra as populações nativas da região. Diz-se que ele foi responsável pela "extinção" dos índios e iniciou, efetivamente, a ocupação colonial na região de Caracol (OLIVEIRA, 2007; DIAS, 2003).